

Cristovam Buarque entrevista ex-presidente Fernando Henrique Cardoso

Realizada em Providence, EUA, em 7/11/2004*

“CRISTOVAM: Antigamente a gente brigava para a idéia da gente prevalecer. Agora a gente briga para que o outro não seja dono da idéia da gente.”

FHC: O PT brigou o tempo todo com o PSDB e comigo, em especial, passando a imagem de que tinha uma outra idéia. Depois chegou no governo e não parece ter.”

Cristovam Buarque**

** Senador pelo PT de Brasília. Ex-ministro da Educação, ex-reitor da Universidade de Brasília – UnB.

Para um visitante que o encontra hoje, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso transmite três sensações: saúde, felicidade e realização. Liguei da Universidade de Berkeley, onde eu estava por uns dias, para ele, na Universidade de Brown, onde passa um período como professor a cada ano. De

* Pequeno trecho desta entrevista foi publicado pelo jornal *O Globo*, em sua edição de 29 de novembro de 2004, p.10.

imediatamente aceitou que eu fosse visitá-lo. Brown está do outro lado de Berkeley. Foi preciso mais de quatro horas de avião, uma noite em Nova York e mais de três horas em trem, para chegar até Providence, onde fica a Universidade de Brown.

Cheguei na metade da manhã, ele esperava na estação e ficamos juntos todo o dia até que me levou de volta a estação, na metade da noite. Durante este período conversamos em sua casa, juntamente com D. Ruth e o Ministro Frederico Duque Estrada, da Missão do Brasil em Nova York. Caminhamos até um restaurante, depois até à universidade para assistirmos juntos à palestra de Mary Robinson [*ex-Presidente da Irlanda (1990-97), ex-Alta-Comissária para Direitos Humanos da ONU (1997-2002)*], e ainda fomos caminhando até o seu escritório de professor visitante e voltamos para a universidade, parando outra vez em sua casa.

Durante todo este tempo, ele caminhou os diversos quilômetros mais rapidamente do que muitos jovens, conversou sobre todos os temas da atualidade no mundo e no Brasil, demonstrando sempre um conhecimento profundo, uma grande preocupação e também otimismo.

Ao lado de conversas políticas e pessoais, durante algumas horas liguei o gravador para uma entrevista com ele, no seu gabinete de professor. Uma longa entrevista sobre o pensamento social no mundo de hoje e as lutas políticas internacionais e no Brasil. Este é apenas um pequeno trecho, não mais do que 20% do conjunto. A idéia era guardar toda a entrevista para publicá-la um dia na companhia de outras, com diferentes personalidades mundiais.

Começamos falando de equipamentos modernos, como um aparelho à vista, do tamanho de uma caixa de cigarros, que é capaz de levar gravados milhares de discos, retirados diretamente do computador.

CRISTOVAM BUARQUE: O pensamento social ficou parado enquanto o pensamento científico avançou?

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO: Foi muito rápida essa mudança. Não foi só tecnológica. Também na relação entre as pessoas. Alterou a estrutura da sociedade. E os pensadores não registraram o quanto está sendo alterado. E agora houve um susto lá na Espanha. Eu vi uma pesquisa do Manuel Castells [*sociólogo espanhol, professor da Universidade da Califórnia, autor de A sociedade em rede (1997)*] dizendo que lá na Catalunha, pelo menos, a virada foi dada pelos mais jovens*. Usando o que eles chamam de torpedos. Pequenas mensagens por meio eletrônico. A opinião pública muda assim, de repente. Como se desse um curto-circuito. Existe um mecanismo que você pode saber a reação das pessoas em tempo real. Então os partidos vão ter de se organizar pra isso.

CRISTOVAM: Isso não vai ser o fim da liderança política? Os políticos vão estar a reboque da opinião pública...

FHC: A opinião pública é dessa maneira, muda rapidamente. Eu, há muitos anos, quando era presidente da Sociedade Internacional de Sociologia, fiz um encontro de sociólogos na Índia. Nos anos 80, eu era senador. Essa associação era basicamente composta de europeus e norte-americanos. Então eu disse: vamos fazer na Índia. E fizemos a reunião na Índia. Meu discurso de encerramento do meu mandato foi sobre mudança social. Eu disse:

nós estamos num mundo muito interessante porque todas as teorias de mudança que nós temos não dão conta de como o mundo muda, a política muda, a sociedade muda. A grande linha de mudança era a teoria marxista da mudança, com choque de classes, crise da economia, alguma previsibilidade da mudança. Ou então a teoria funcionalista, a mudança por pequenos incrementos em uma certa direção. Talvez os dois funcionassem dependendo do momento. Mas, agora a mudança seria diferente. Por que escrevi isso? Eu estava em Paris em maio de 68. Vi o que aconteceu ali. Houve o que eu chamei de curto-circuito. Quer dizer, a sociedade moderna, que parece estar bem organizada, de repente sofre um curto-circuito. Em fevereiro de 68, eu tive um almoço, como eu tinha toda quarta-feira, com Celso Furtado, Luciano Martins [*professor da USP*] e o Valdir Pires [*Consultor-Geral da República no governo João Goulart; ex-Governador da Bahia (87-89), atualmente Ministro da Controladoria-Geral da União*]. A gente se encontrava às quartas-feiras. Numa dessas quartas-feiras chegou lá o Paulo de Tarso Santos, que foi seu antecessor [*de Cristovam*] no governo de Brasília. E o Paulo não era uma pessoa informada sobre a França. Nós éramos, eu estudei na França antes, era professor. O Celso nem se fala, era doutor em França. E o Celso, mais sabichão que nós, explicou: aqui não vai acontecer nada. Isto, em Fevereiro de 68. “Aqui se chegou a um grau de racionalidade que elimina riscos, está havendo ago-

ra um debate sobre salário. Só que o sindicato tem tanta pesquisa quanto o governo, então vão fazer uma negociação e chegam a um entendimento.” Bom, naquela época se dizia o seguinte: a diferença entre o De Gaulle e o Luís XIV era que o De Gaulle podia andar na rua que era aplaudido e o Luís XIV era vaiado. Que eram iguais. Outro *roi soleil*. Bom, três meses depois, quase cai tudo.

CRISTOVAM: Eu ouvi de Darcy Ribeiro coisa parecida sobre o Chile. Em Agosto de 73, um mês antes do golpe, nos encontramos no Peru, no apartamento onde ele morava. Fui com meu irmão Sérgio, que estava exilado no Chile querendo sair porque achava que ia ter um golpe. Darcy disse: “Não tem perigo. O Chile é uma sociedade bem organizada.” Um mês depois...

FHC: Eu estava no Chile. Em agosto eu estava no Chile. Eu fui pro Chile em julho de 73, trabalhava na Cepal. Mas eu tive a sensação contrária. Por quê? Porque eu tinha tido a experiência do Brasil e da França. Eu disse: isso aqui vai acabar. Eu estava um dia jantando com um grande sociólogo argentino chamado Gino Germani, que era o maior sociólogo argentino daquela época. Jantando num restaurante que eu gostava muito lá no Chile, chamado Dacarla. E o Allende tava falando no rádio e de repente deu um apagão. Por quê? Porque boicotaram uma torre de transmissão. Eu disse à Ruth: quero voltar pro Brasil, porque vem coisa aqui. Pouco depois, o Weffort [*Francisco Weffort, sociólogo, professor da USP, Ministro da Cultura nos dois mandatos de FHC*] estava lá e

nós fomos jantar na casa do Ricardo Lagos [*atual Presidente do Chile*], que era meu vizinho. O Ricardo tinha sido nomeado embaixador em Moscou pelo Allende. E nós fomos jantar: eu, o Weffort, o Ricardo, a Luíza – mulher dele –, e o Almeida. O Almeida naquela época era do Exterior, tinha sido da Defesa. Isso foi fim de agosto. O Almeida não parava de andar de um lado para o outro. Depois do jantar, perguntou: “Quando é que vocês vão embora? Talvez, não sei se há tempo, vocês serão testemunhas de uma virada de página na história”.

CRISTOVAM: A virada ele imaginava que era para a esquerda...?

FHC: Não... para a direita. O Lagos nunca nem chegou a ir a Moscou. Para você ver como essas coisas são difíceis: o Allende confiava no Pinochet.

CRISTOVAM: Nomeou-o comandante do exército...

FHC: Nomeou-o comandante. Então, é difícil perceber quando a coisa vai virar...

CRISTOVAM: Mas o pessoal que fala que a História acabou, supõe que não vai haver mais curto-circuito...

FHC: Está errado. Pode haver curto-circuito. O que caracteriza o curto-circuito é a imprevisibilidade. Nos mercados é a mesma coisa. Há momentos em que você acha não ter risco, mas vem o imprevisto. Risco é o que você pode calcular. O 11 de setembro criou uma mudança total. Era imprevisto. E deu um curto-circuito, provocou uma mudança.

CRISTOVAM: *Mas naquela época, França, Chile, Brasil em 64, havia um debate de idéias. Hoje a gente não vê...*

FHC: Na França certamente havia esse debate... Mas qual era o debate na França? O debate me chocou muito porque eu estava chegando do Chile, em 67. E o Chile naquela época não era o Allende, era o Guevara. Tinham matado o Guevara. Eu tinha escrito o livro *Dependência e desenvolvimento* naquela época. Tinham matado o Guevara que era a expectativa da revolução na América Latina. Bom, e era tudo referido à luta de classe e ao imperialismo. Na França, o debate não era esse. Era existencial. Era a questão de liberdade sexual, era proibir proibir. Não havia uma referência à classe nem ao imperialismo. E o que me chamava a atenção nas ruas de Paris naquelas imensas manifestações eram pessoas que vinham com bandeiras anarquistas negras cantando a Internacional que começa dizendo: “Em pé os famintos da terra”. Todos gordinhos. (Risos). Eu levei o Mário Pedrosa [*escritor, crítico de arte, um dos fundadores do PT*] com o Luciano Martins para Nanterre para assistir a um debate de estudantes. Em plena greve. Eles abriram a escola para os operários e entraram operários das redondezas. E os operários não entendiam nada. Aquilo não era com eles. Depois, houve uma greve na indústria Renault, aí sim houve luta operária. Quer dizer, o curto-circuito se deu por uma razão educacional, eles queriam fazer uma mudança no sistema educacional, os professores de Nanterre eram reacionários, não queriam...

CRISTOVAM: *As teorias marxistas não serviam para explicar...*

FHC: Nada, Nada. Depois deu um curto-circuito. Mas a sociedade tem estrutura. Você vê que não muda de repente, porque tem forças que limitam. Essa dialética entre o inesperado e a estrutura é que é interessante de ver na sociedade atual. E não há teoria pra isso. Talvez a Teoria do Caos, que no fundo é a teoria do inesperado. Eu acho que nós temos de começar a nos acostumar com o inesperado. Muito mais hoje por causa desses meios modernos com o inesperado... E como é que você conceitualiza isso numa disciplina como Ciências Sociais, que quer fazer tudo a partir de regularidades e de causa e efeito?

CRISTOVAM: *Quais foram os grandes fatos inesperados ao longo da sua vida?*

FHC: Bom, pra mim, o golpe de 64 foi inesperado no Brasil.

CRISTOVAM: *Mas no mundo, quais fatos lhe surpreenderam com maior dose de inesperado, durante sua vida, quais os maiores curtos-circuitos a que assistiu?*

FHC: 68 na França foi certamente inesperado, o bombardeio no WTC foi certamente inesperado. Eu estava lá no Brasil e ia receber naquela manhã o pessoal da Fundação Getúlio Vargas. E eu estava no apartamento residencial, no 2º andar do Alvorada, quando a Ana Tavares [*Assessora da Presidência da República na gestão de FHC*] telefonou: “Estão bombardeando o World Trade Center!” Eu liguei a televisão e vi aquele negócio. No começo não

consegui nem entender. Mas era o segundo que ‘tava ali.

CRISTOVAM: A queda do muro de Berlim também foi inesperada...

FHC: Berlim também. Tem um artigo belíssimo do Hirshmann, acho que é nas memórias dele. Que é lindíssimo, sobre o muro de Berlim. Conta o que aconteceu, quando era o contrário que se esperava. É claro que o mundo sempre foi assim. Sei lá, quando você teve a tomada do Palácio de Inverno [*ataque dos bolcheviques à sede do Governo Provisório liderado por Kerensky, a 25 de outubro de 1917 (no calendário russo), marco da Revolução Russa*]. Sempre teve assim. Acontecem fenômenos de repente que precipitam uma tendência que estava havendo. Mas no curto-circuito não tem tendência nenhuma. De repente, ocorre.

CRISTOVAM: A sua eleição e a do Lula não são fatos inesperados? A esquerda chegar ao poder?

FHC: Totalmente. Saiu um livro... Até vou mostrar a você... Chama-se *O príncipe e o sapo*. Sobre eu e o Lula, do Paulo Markun (mostra a capa do livro e continua). O Lula disse outro dia sobre isso aqui: “está vendo, eu sempre carregando pedra e ele não...”

CRISTOVAM: Além de ter uma surpresa, a esquerda chegar ao poder, não é uma surpresa também que nós chegamos sem uma proposta nova para o povo? Chegamos rebocados pela direita.

FHC: Surpresa não é chegar, é chegar de

duas vias... (Risos). Por quê? Porque o mundo mudou muito. E a chamada esquerda não mudou. Aí chega lá e fica a discussão: “Ah, o Lula está indo para o outro lado. Fernando Henrique foi para o outro lado”... Você chega lá, como o Lula está lá hoje, com toda sua formação política, e não tem como pôr em prática. Porque o mundo é outro. O mundo é outro, não é? Mudou muito, profundamente. O que não quer dizer que não haja uma tendência para continuar mudando.

CRISTOVAM: Esse fenômeno de não estar se pensando uma nova esquerda, não é só no Brasil... É no mundo inteiro...

FHC: É geral... É geral... Na França aconteceu com o Jospin [*Lionel Jospin, dirigente do Partido Socialista francês, ex-Primeiro-Ministro, derrotado nas eleições presidenciais de maio de 2002*]. Então, quando se vai fazer o que os italianos chamam de *aggiornamento*? É difícil fazer... A Terceira Via foi uma tentativa de *aggiornamento*. O Blair [*Tony Blair, Primeiro-Ministro e líder do Partido Trabalhista inglês*], o Anthony Giddens [*sociólogo inglês -autor de The Third Way: The Renewal of Social Democracy (1998)- que contribuiu para levar o Labour Party a abandonar seu viés estatizante*], aí depois você vê que não chegou a haver um *aggiornamento* de nada porque faltou força pra fazer o que é possível fazer. O que é possível fazer? É na área da justiça e da sociedade. A esquerda hoje é mais garantir direitos e dar igualdade, mais voz. Muito mais isso do que controlar os meios de produção. Para a esquerda clássica, a idéia é essa: controlar os meios de pro-

dução coletivamente. Mas não tem nem como...

A esquerda clássica queria isso e a esquerda comunista via o controle de Estado por um partido. Hoje, eu acho que o pensamento progressista é muito mais força na sociedade civil, não é isso? É tentativa de abrir caminhos de participação com objetivo de dar igualdade de oportunidades. E a esquerda muitas vezes ficou envelhecida no sentido de que ela quer ainda pensar que o Estado e o partido vão levar à mudança.

CRISTOVAM: Agora a idéia do Estado é da esquerda soviética. Marx via o Estado de outra maneira...

FHC: Marx era muito mais progressista. Onde Marx nunca foi muito específico foi na teoria da revolução. O que ele foi específico foi na análise do capitalismo. Mas, mesmo aí, veja o seguinte: como é que nós fomos treinados? Na idéia da exploração, não é isso? A exploração do homem pelo homem. Hoje, o mais grave é os que não servem nem pra ser explorados, são os “marginados”. Que não são mais nem exército de reserva...

CRISTOVAM: São descartáveis...

FHC: Descartáveis... Descartados! O sistema os trata como irrelevantes. É trágico. A gente está tendo um mundo onde você tem uma imensa massa irrelevante pra formação da riqueza... E isso não era pensado assim...

CRISTOVAM: E qual é nossa proposta pra esse pessoal?

FHC: Esse é que é o problema. Você sabe, quando mais cedo lhe falei sobre o livro *Occidentalism* [*Occidentalism – The West in the Eyes of its Enemies*, de Ian Buruma e Avishai Margalit, *The Penguin Press*, Nova Iorque, 2004], fiz uma referência ao Frantz Fanon, que escreveu *Les Damnés de la Terre* [*Os condenados da Terra* (prefácio de Jean-Paul Sartre), foi editado no Brasil pela Editora Civilização Brasileira, Rio, 1968]. Isso não tinha nada a ver com o pensamento marxista tradicional, que sempre desprezou *les damnés de la Terre*. Pra usar a linguagem que Marx usava na economia, *les faux frais de la production*, custos de falsa produção. O Engels tinha horror do campesinato...

CRISTOVAM: Como Stálin também teve...

FHC: Como Stálin também teve... Era a idiotia rural... Aí você vem e começa com Mao, que expressa o contrário... O que no fundo é um retrocesso do ponto de vista da visão marxista. *Les damnés de la Terre* é que vão fazer a revolução e vamos ter uma igualdade. E vamos matar a cidade porque a cidade é um foco de males. Na teoria marxista, a cidade é o contrário, é o berço da liberdade. Eles passaram a inventar o mal também que é o campo. O campo é que vai dar a coisa... Isso acabou de novo. Ninguém mais hoje pensa em termos de Mao-Tsé-Tung. Bom, qual é a expectativa que você pode ter? É preciso ter uma globalização altamente assimétrica que dispensa essa gente, mas que por outro lado está provocando pela via da imigração o pavor dos desenvolvidos, não é? É uma situação de medo, de medo mesmo. O extremo é o medo dos muçulmanos...

CRISTOVAM: De todos os “deserdados”, não é?

FHC: Medo dos “damnés”... Se você pegar os muçulmanos como “damnés”, o medo está substantivado hoje. Porque os muçulmanos, alguns muçulmanos, alguns que viraram terroristas, têm a capacidade de usar essa coisa moderna e golpear aqui e ali no coração do sistema. Explodiram o trem na Espanha com o telefone celular, não é isso? E explodiram as torres gêmeas sabendo pilotar avião... Usando as armas do mundo moderno para a destruição.

CRISTOVAM: Quando se fala de Frantz Fanon, a gente podia listar 10, 15 nomes, 20 nomes daquela época. Agora, não há nomes intelectuais pensando diferente. A contracultura morreu...

FHC: Hoje não tem mais...

CRISTOVAM: Não será provável sair do Brasil um pensamento alternativo. Porque os damnés de la Terre no Brasil, eles votam, exigem um pensamento e propostas novas. Os imigrantes não votam na Europa. Podem fechar a fronteira da Europa para os deserdados. O Brasil não pode fechar a fronteira para os seus deserdados. Por isso, nossa indigência intelectual é ainda maior.

FHC: Na Europa, eles esquecem a fronteira, mas não totalmente. Nem nos Estados Unidos, que eles precisam dessa gente, como mão-de-obra. A tragédia desse mundo lá e cá é que eles precisam deixar alguma gente entrar e ficam com medo dos que entram. Do ponto de vista deles aqui, têm que deixar entrar os latinos, que “não são tão perigosos”. São cristãos, são ocidentais... Na Europa, não. Na Europa eles

estão lidando com muçulmanos e negros, o que assusta os europeus enormemente. No Brasil é outra coisa. Porque no Brasil, apesar de tudo, nós não temos esse tipo de diferença cultural. Você não tem gente que gere um valor que seja totalmente contrário ao valor dominante. São todos, grosso modo, católicos, ocidentais, pobres. Não é? Falam a mesma língua. Eles são mais iguais aos integrados e o que eles querem é se integrar. Não é? Eles não estão numa proposta de destruir essa sociedade por razões culturais ou religiosas... Eles estão querendo é se integrar. Eu achei muito interessante o resultado dessas últimas eleições municipais. Porque de alguma maneira o PSDB cresceu mais nas zonas integradas e o PT nas não integradas. Não é bem assim, porque em Belo Horizonte o PT também cresceu. Mas, de SP pro Sul foi mais o PSDB. E do Rio pro Norte foi o PT. Não é? No fundo eu não sei se os dois partidos não estão cumprindo a mesma missão para diferentes audiências, públicos. No fundo o que é que está acontecendo? É um pensamento mais aberto, mais democrático, mais moderno e mais progressista... Com duas diferentes tonalidades: uma tonalidade dos já integrados e uma tonalidade dos que querem se integrar.

CRISTOVAM: Mas aí não tem o perigo das nossas brigas? PT e PSDB terminarem impossibilitando de a gente fazer um trabalho...

FHC: Eu diria que tem perigo de dificultar a velocidade da mudança. As brigas dificultam a velocidade da mudança. Os

dois lados querem a mesma... Não sei se é a mesma coisa, talvez não pelos mesmos modos. E aí tem uma outra diferença que são os menos crentes no Estado e na disciplina que o PT. Não é? Mas, os objetivos não são diferentes. Uma vez que você deixe de lado a questão... Sabendo que há restrições econômicas, o objetivo qual é? É mais educação, mais saúde...

CRISTOVAM: E apesar disso a gente vive brigando...

FHC: É por que nós não discutimos nem disputamos ideologia, é poder, é quem comanda. Minha idéia pro Brasil é o seguinte: você tem uma massa atrasada no país, tem, e tem partidos que representam esse atraso, clientelismo. Os dois partidos que têm capacidade de liderança para mudar isso são o PT e o PSDB. Em aliança com outros partidos. No fundo, nós disputamos quem é que comanda o atraso. O risco é quando o atraso se comanda. O risco nesse processo... Eu estou escrevendo no meu livro... É um pouco o negócio do pacto com o diabo, do *Fausto*¹, não é? Você pode perder a sua alma nesse processo, porque o atraso pode te comandar. O risco neste momento é de vocês, do PT. De comandar um pouco o atraso e imprimir os outros nessa direção. Mas eu acho que as forças motoras do Brasil hoje são esses dois partidos.

CRISTOVAM: Você ainda acredita que é possível fazer uma aliança PT e PSDB?

FHC: Eu acho que pode. Mas, se tiver essa possibilidade de controlar o avanço sociais, não. Porque a luta é política, não é ideológica.

CRISTOVAM: Antigamente a gente brigava para a idéia da gente prevalecer. Agora a gente briga para que o outro não seja dono da idéia da gente.

FHC: O PT brigou o tempo todo com o PSDB e comigo, em especial, passando a imagem de que tinha uma outra idéia. Depois chegou no governo e não parece ter.

CRISTOVAM: Vai ver que podia ter naquela época, antes.

FHC: Talvez tivesse... Mas de qualquer maneira, esse é o quadro que eu vejo no Brasil. Eu acho muito engraçado quando vejo uma discussão às vezes no jornal: esquerda versus direita. O PMDB está onde? Na esquerda? Na direita? O PFL? O PSB? Não estão em nenhum lugar... Não estão situados. Então representam às vezes coisas importantes, até, de interesse importante, mas que não estão nessa dinâmica. Na verdade é o conjunto da sociedade um pouco atrasada e alguns setores querendo avançar mais na sociedade. Nessa direção o que eu disse: antes de mudar o controle dos meios de produção, vamos tentar aqui

¹ No clássico de Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), o personagem central, o dr. Fausto, um médico obcecado pela sede de conhecimento, firma um pacto com o demônio (na peça, o anjo Mefistófeles), cuja aliança o levará aos prazeres do conhecimento, da vida e do amor. Uma das diversas edições brasileiras é a da Ed. Itatiaia (Belo Horizonte, 2002, 5ª edição), com prefácios de Erwin Theodor e Antônio Houaiss.

fazer um Estado mais competente. O Estado não vai ser mínimo nem deve ser grande e bobo, inchado. Tem que ser um Estado competente. O grande desafio nosso é manter, criar e avançarmos num Estado competente e poroso – eu gosto muito dessa expressão que é do Gramsci, poroso... gelatinal...

CRISTOVAM: Partido poroso... Nesse sentido o PT é poroso, mas o Gramsci escrevia que você tem que liderar...

FHC: Liderar... Ele pode não liderar... Ele pode ser tão poroso que a sociedade tome conta dele.

CRISTOVAM: A pergunta é se nós, do PT, fomos cooptados, ficamos lúcidos, amedrontados ou oportunistas. A nossa mudança veio de qual destes fatos?

FHC: Veio de tudo isso. Em determinado momento da campanha, é natural um certo oportunismo. Que aliás, pelo jeito foi

FHC: Marx era muito mais progressista. Onde Marx nunca foi muito específico foi na teoria da revolução. O que ele foi específico foi na análise do capitalismo. Mas, mesmo aí, veja o seguinte: como é que nós fomos treinados? Na idéia da exploração, não é isso? A exploração do homem pelo homem. Hoje, o mais grave é os que não servem nem pra ser explorados, são os “marginados”. Que não são mais nem exército de reserva...

bem feito. Tem que haver... Houve essa porosidade positiva, de entender os processos. Outro que você falou é medo?

CRISTOVAM: É... medo do sistema, medo do mercado...

FHC: Tem que haver. É uma mistura de tudo isso. Eu não critico o PT por isso. Eu não critico o Lula. O Lula foi jantar lá no Alvorada uma vez. Logo na primeira vez que ele foi lá... tinha uma reunião de presidentes latino-americanos e eu o convidei... estávamos só nós dois andando ali naquele jardim interno, naquela varanda lá... ele: “O que você achou da campanha e do slogan?”. Falei: “Lula, eu achei bom. ‘Lula paz e amor’. Porque você é isso”. Não foi um slogan totalmente falso. Quer dizer, o Lula tem um lado de paz e amor. Ele é uma pessoa “gostável”... que não é de briga. Bom, então eu acho que foi bom usar na campanha... campanha hoje, com jogada de *marketing*, você cria um mito, conta uma história... O meu mito era fácil, era o Real... moeda, estabilidade... e tinha até um ícone, que era a moeda.

Não é isso? Agora, o Lula era ele próprio. Era a vida dele. Um

líder que subiu, veio de pobre, imigrante, chegou lá.

É forte, não precisa mais que isso numa campanha. E você conta uma história. Tem que ser simples e repetir aquilo. Tem que guardar uma certa relação entre a história que você conta, o ícone que você está usando e a vida. Eu

não estava mentindo. Eu realmente tinha feito o Real. O Lula também não estava mentindo... ele representa uma ascensão de uma camada no Brasil. Então campanha é assim. Agora, uma coisa é campanha e outra coisa é governo. No governo não basta paz e amor. No governo tem que ter conhecimento, capacidade, competência, perseguir os objetivos e fazer com que o atraso entre na sua. Senão você entra na dele. A luta permanente é essa. Quem está no governo está lutando o tempo todo para evitar que os interesses enraizados comandem. É quando você empurra um pouco para criar alguma coisa nova, tentar alguma coisa nova. Essa é a dinâmica da política contemporânea. Aqui nos EUA, eu fiquei assistindo à campanha... Eu assisti às primárias, eu participei da convenção democrática americana, eu fui lá, tive uma mesa redonda com o Clinton em Boston... Em Cambridge, na verdade... Eu fiquei vendo o que eles estavam fazendo e no começo eu fiquei muito assustado porque eles não diziam nada... No final, depois é que nos debates o Kerry [*John Kerry, senador norte-americano, candidato democrata derrotado nas eleições presidenciais de 2004*] disse alguma coisa. E aí conseguiram polemizar. Não conseguiram sequer discutir se a guerra era justa ou injusta, era se o Presidente conduzia bem e se era eficiente ou não... Não é isso? Bush tentou colocar a questão do conflito atacando o Iraque e não o Bin Laden, por quê? Não pegou... o patriotismo está na guerra. Kerry teve que atacar pelo lado da incompetência... Quem é o melhor chefe do comando do exército? Ele ten-

tou levar adiante a questão social: “Você, Bush, está governando para os ricos e eu vou governar pros outros, pra classe média”. O que o Bush fez? Não respondeu. Deixou que a coisa ficasse só em torno de uma questão que, digamos, não estava em jogo. Quem era o melhor comandante em chefe, não é isso? Ele ganhou como se fosse o melhor comandante em chefe e somou a isso uma sociedade que está com medo à religião por causa do 11 de setembro... O que eles chamam aqui de valores morais, que nós chamaríamos no Brasil “o atraso”: contra o casamento gay, contra a pesquisa científica, enfim todos esses valores arcaicos com uma tintura religiosa... e isso ganhou aqui...

CRISTOVAM: A Mary Robinson há pouco na palestra disse que até a semana passada tinha-se o Bush como a encarnação do mal e os EUA como outra coisa diferente dele. Com a eleição, juntou tudo.

FHC: Até certo ponto... Porque na verdade isso aqui é uma sociedade complexa. Deu metade, metade. A diferença é que você tem nos EUA é um mapa curioso: pegava a Nova Inglaterra, a Califórnia e Nova York. Tudo isso é vermelho, a cor dos democratas. E o meio americano que é azul puseram *Jesus land*. Tem uma *Jesus land* aqui religiosa, no sentido de ideologia, não de crença espiritual, de ideologia atrasada, que é grande, mas tem o outro lado também...

CRISTOVAM: Igual a mil anos atrás, ‘cristianismo versus islamismo’. O tempo das Cruzadas.

FHC: Voltamos um pouco para as Cruzadas. Mas a linguagem é a mesma. O Bush disse várias vezes: “Estamos sendo guiados pelas mãos de Deus”.

CRISTOVAM: A mesma frase que o Bin Laden repete...

FHC: Mesma coisa, mesma frase. Quer dizer... Um vê o outro como inimigo. A democracia fica no meio disso. A democracia é *how to compromise*, coisa que foi difícil de entender no Brasil. Aliança, negociação, tudo isso era visto como se fosse traição ao ideal. Quer dizer, você tem que ter, na democracia, a predisposição de aceitar o outro. Quando você fundamentaliza e radicaliza, não tem mais isso. Aí desaparece o espaço da democracia.

CRISTOVAM: Você pode ser isolado na idéia, mas na política tem que conciliar...

FHC: Esse é outro ponto interessante: como é que você mantém seus valores e ao mesmo tempo você cria condições para que esses valores te permitam andar e não que eles paralisem tudo? Quando o valor é fundamentalista desse jeito, só tem uma solução: é matar o outro. Eliminar o outro. Ganhar do outro. Você não tem um caminho que leve a dizer: vamos fazer um caminho que nesse caminho eu possa avançar mais que ele. Vamos fazer um caminho comum.

CRISTOVAM: Mas são três caminhos. Recentemente você participou diretamente de três choques: o democrático de 85, o da estabilidade monetária, a partir de 94, e o eleitoral com Lula. Não está na hora de a gente dar um ‘choque social’ no Brasil?

FHC: Eu não tenho dúvida. Eu acho que está passando da hora. Mas, vamos voltar aos seus três caminhos: outro curto-circuito foi as Diretas-Já...

CRISTOVAM: Antes da democratização? Foi o choque democrático?

FHC: Não, não... Antes da democratização... Você teve as Diretas-Já... Que foi uma coisa... o primeiro comício grande que foi aquele organizado pelo Montoro [André Franco Montoto, governador do Estado de São Paulo (83-87)] surpreendeu-nos a todos. Ninguém no PSDB queria o comício. Eu era presidente do PSDB [Na verdade o PSDB foi fundado em 25 de junho de 1988, portanto quatro anos após o comício pelas Diretas em SP]. A reunião nossa foi contra. Eu disse ao Montoro: o partido não está de acordo. De novo não vai ter ninguém na rua. Ele tentou o PT. O PT não quis. O PT queria fazer um caminho sozinho. Então o Montoro insistiu, insistiu, insistiu. Fizemos dia 25 de janeiro. Eu estava com ele na USP, que era aniversário da USP também, quando o Zé Gregóri, que estava na praça, nos telefonou pedindo para eu ir correndo pra lá porque a praça estava enchendo, sendo que nós não tínhamos nem alto-falante pra cobrir a praça. Aquilo nos surpreendeu, nós que estávamos organizando... Bom, voltando ao choque social... Eu acho que sim, Cristovam, porque veja... Se nós não fizermos alguma coisa rápida nessa matéria vai danificar a democracia porque as expectativas estão aí. E se nós não conseguirmos *delivery*... A democracia exige que você entregue os resultados. Quando a sociedade é aberta,

o povo se organiza, demanda, você tem que fazer, tem que ter um resultado. Bom, se o resultado vai muito devagar, é uma tragédia. Se não anda, pior ainda. Não é? Andar pra trás é inaceitável. Esse eu acho que é o desafio: é manter a democracia e criar o choque social. Mas, você não pode levar adiante o choque social sem certas condições econômicas. E eu resumiria dizendo: mais investimento em infra-estrutura e um choque social.

CRISTOVAM: Com a capacidade fiscal do Brasil, uma carga fiscal de mais de 30% e um PIB de 1 trilhão e 600 bilhões, esse orçamento já dá pra fazer...

FHC: Dá. Nosso problema não é de falta de dinheiro...

CRISTOVAM: Por exemplo, você conseguiu quatro bilhões para o Fundo de Erradicação da Pobreza... Faz quantos anos isso? Seis anos? Quatro anos?

FHC: Quatro anos...

CRISTOVAM: Não é possível que a gente consiga mais quatro ou mais dez bilhões?

FHC: E aumentou muito a arrecadação... Eu não entendi porque houve um aumento do *superávit* primário. Eu sou doutor em *superávit* primário. Desde 99 estou lutando com o Fundo. Quando alguém me disse lá que iam propor 5%, eu disse: "É uma loucura, porque propõe 5% e o Fundo vai querer 5,5%". Agora melhorou um pouco porque o mercado está mais afrouxado... a idéia do Fundo é sempre um pouco mais alto. E você pega alguns economistas e eles vão sempre dizer que tem que au-

mentar mais o *superávit*. Porque com esse *superávit* atual, que é de 4,5%, você não paga nem os juros... Bom, mas também se for de 5% também não vai pagar. Então é um negócio complicado... Juros da dívida externa e da dívida interna... é um negócio complicado. Então eu acho que é preciso fazer um programa de mais longo prazo... Não precisa exagerar no *superávit* primário. Eu até posso dizer isso. O Lula é que não pode porque ele é o Presidente da República. Os mercados caem no dia seguinte, é verdade.

CRISTOVAM: O senhor pode. Não pode Lula e nem ninguém de dentro do governo.

FHC: É, não pode. Não pode porque aí abala tudo. O que nós fizemos? Eu expandi o caixa social todo o tempo. Nós fomos de 11% para 14% do PIB, o gasto social. Em pleno momento de estabilização da economia. Isso foi uma briga permanente porque visto do âmbito estritamente financeiro está errado. Mas, se eu não tivesse feito o que fiz não tinha avançado a educação...

CRISTOVAM: E criou programas como o Bolsa-Escola e o Fundef...

FHC: O Fundef, o Bolsa-Escola e na Saúde... então eu acho que o Brasil já tem condições. Há um problema de eficiência nisso tudo... De gestão e de focalização com o gasto. Então você pega o orçamento do Brasil e compara com outros países de igual produto bruto, você vai ver que o nosso gasto social é razoável, ele é dispersado muitas vezes. Mas hoje as condições estão melhores ainda para fazer um cho-

que social, porque tem mais recursos sendo arrecadados.

CRISTOVAM: Para isso a gente não precisa ter... a palavra pacto não é boa... Mas, ter um compromisso maior, porque todo país que deu um salto fez uma aliança de todos os partidos em função de metas comuns.

FHC: Eu acho que nós não devemos falar de pacto porque dá má sorte, está desgastado. Digamos uma convergência.

CRISTOVAM: Mas convergência com compromisso para que o programa continue...

FHC Isso é uma coisa que tem de ser suprapartidária, não é multipartidário, é supra. Além dos partidos, tem de ser a sociedade comprar essa idéia, tem que ter gente que faça entrar em ação. Sua idéia de pegar umas 20 pessoas que se comprometam é boa, mas eu estava até pensando...Tinha que pegar gente que tenha também influência na mídia, porque hoje não existe nada sem mídia. Porque na política atual, parafraseando Descartes, “Penso, logo existo”; agora, “Estou na TV, logo existo”. Se você não é virtual, você não existe.

CRISTOVAM: É. O problema é que a imprensa até a gente traz, agora a Justiça é que difícil trazer...

FHC: A justiça é muito mais difícil...

CRISTOVAM: Se não fizer algum movimento, alguma mudança na Justiça, não vai...

FHC: É. Eu acho que talvez seja o que me perguntaram aqui outro dia: o que eu achava que estava mais difícil de mexer no Bra-

sil. Eu disse: A Justiça. Porque não é só no Brasil, eu vi no Chile. Quer dizer, as classes dirigentes, dominantes, e mais do que as classes, as mentalidades dominantes e as culturas tradicionais, elas estão encasteladas na Justiça. Porque na sociedade de massa a dinâmica maior se dá na relação direta da opinião pública com o presidente que elege. Depois a frustração imediata é com o presidente eleito, que não pode fazer muito porque tem o Congresso. De qualquer maneira, o Congresso tem uma certa abertura pra sociedade, para impressionar. Quando as idéias dominantes perdem na presidência, depois o Congresso avança e elas perdem lá também, então o pessoal mais tradicional vai prá Justiça e segura lá. A Justiça é o bastião maior dos interesses definidos. Eu vi isso no Chile com o Allende naquele momento lá. Chega um momento que a Justiça mostra sua cara, enfim, sobretudo nós que temos o Direito positivo romano. Tem que ter tudo prescrito já, não há interpretação, aplicação da lei. Então você vê, quantas vezes nos últimos anos que o tribunal vota contra o interesse da maioria, do país. Mas ele vota, porque ele não tem jeito de votar de outra maneira.

CRISTOVAM: Agora devem cassar o Capiberibe [João Capiberibe, senador do PSB pelo Estado do Amapá] com base em um depoimento de duas pessoas que já desdisseram, mas não está nos autos, e tecnicamente não se pode colocar. Então ele vai ser cassado por uma tecnicidade.

FHC: E freqüentemente é o que acontece. O juiz fica amarrado na lei. Bom, en-

tão não haverá dúvida nenhuma de que haverá muita dificuldade. Mas, eu acho que a coisa fundamental, voltando ao que estava dizendo antes, de mudança no mundo contemporâneo, é a mudança da opinião. E por isso foi grave essa eleição aqui nos EUA porque a opinião pública americana não teve força para mudar. Mudou um pouco. Talvez não tenha encontrado a expressão em alguém que mudasse, porque o Kerry no começo foi difícil de fazer a aceitação. Mas o fato é que não conseguiu mudar. E o mundo hoje globalizado depende muito da mudança nos Estados Unidos. Outro dia eu disse pra eles aqui “A eleição para Presidente dos EUA vai ser um voto universal, não só dos EUA, porque a decisão do Presidente afeta a todos”. Quer dizer... é complicado o negócio.

CRISTOVAM: Mas não é só aqui. A democracia foi inventada quando o poder do chefe de Estado era restrito e durava pouco tempo. Hoje, qualquer presidente pode tomar as decisões que repercutem no mundo inteiro. Imagine uma ilha do Caribe permitir um banco de lavagem de dinheiro para o narcotráfico? Ou uma base para terroristas fazerem armas nucleares? E o presidente é eleito com os votos de sua população. A democracia não dá mais para ficar restrita a um país.

FHC: Mas, esse é um grande problema a nível global que é o que tem a ver com Estado Nacional. Quer dizer, democracia foi uma coisa feita na nação. E criou o Estado. Os Estados Nacionais. Hoje, você não pode governar mais só na perspectiva

do Estado-nação. Não dá jeito. Você não resolve o meio-ambiente por aí.

CRISTOVAM: E nem pensar no curto prazo entre duas eleições...

FHC: E nem pensar em quatro anos... Você não resolve nem o terrorismo nem a droga e nem a criminalidade, que também estão usando os instrumentos modernos. Não é só o lado progressista que usa o instrumental moderno, o que eu chamei nesse documento para a ONU de *uncivil society*...

CRISTOVAM: O demônio também gosta de eletrônica...

FHC: Também gosta de eletrônica, é assim com a eletrônica, não é só Deus, não... Deus e o diabo (Risos). Bom, então como é que você lida com esses problemas no âmbito do Estado Nacional? Não dá. Por outro lado como é que você faz com que os Estados, sobretudo os mais poderosos, abram mão da sua soberania? Agora aqui nos EUA, nem se discutiu soberania, já está se discutindo soberania nos outros. Eles querem ter o direito de interferir nos outros, no unilateralismo...

CRISTOVAM: A solução seria regras morais internacionais, para as armas, para o meio-ambiente.

FHC: Ninguém reage. As notícias da guerra preventiva é uma coisa louca. É o oposto de um mundo organizado civilizadamente. É a barbárie, é um mundo hobbesiano. Nem hobbesiano, porque lá no mundo hobbesiano é a luta de todos contra todos e aqui é de um contra

todos. E os outros todos não têm força para enfrentar esse um.

CRISTOVAM: Por falar em Deus e o Diabo, na sua idade o senhor está mais preocupado em terem inventado que o senhor disse “Esqueçam o que eu li” [n. do editor: na verdade, a frase atribuída a FHC é ‘Esqueçam o que escrevi’] ou ter inventado que o senhor era ateu?

FHC: Não, esqueçam o que eu li eu nunca disse... inventaram... Nem disse que era ateu...

CRISTOVAM: Pois é... Mas então, nessa sua idade o que é que preocupa mais?

FHC: ‘Esqueçam que eu li...’ (Risos) O curioso é que a minha resposta sobre esse negócio de Deus foi correta. Foi o Bóris Casoy que perguntou a pedido da *Folha*. E ele fez a pergunta correta. E eu disse: “Olha, Bóris, eu fiz uma besteira...” Porque eu tinha almoçado na *Folha* e o Otavinho [Otávio Frias Filho, diretor editorial do jornal *Folha de São Paulo*] me disse “e se lhe perguntassem se acredita em Deus?” E eu disse: “Ninguém vai me perguntar isso”. Então ele mandou perguntar. Então quando o Bóris perguntou, eu disse “mas isso não ‘tava no combinado!”, dando a impressão de que havia uma combinação, mas não havia. Porque eu tinha tido um almoço com eles lá. Então não havia combinação nenhuma. Então ele perguntou e eu disse: “Olha aqui, isso não é pergunta que se deva fazer a um candidato. Não tem que perguntar ao candidato qual é a convicção dele, porque isso é uma coisa pessoal. Eu não seria arrogante de dizer que

não existe Deus, ou uma coisa desse tipo assim... O que você tem que perguntar é se eu respeito as religiões. Porque o que o prefeito tem é que respeitar todas as religiões e os que não tem religião”. Essa foi a minha resposta. E isso foi lido como se eu tivesse dito que não acreditava em Deus. Que eu era ateu. Mais grave que o ateu, foi a maconha. Porque eu tinha dado uma entrevista para a Miriam Leitão na *Playboy* e me perguntaram muitas coisas, inclusive sobre maconha. E eu disse: “Olha, uma vez eu estava em Nova York, num bar famoso que tem lá, em um banquete com meus primos, primas e tal e alguém deve ter acendido um negócio de maconha, passou aquilo e eu achei horrível... Um cheiro horroroso”. Pronto, daí tiraram que eu era maconheiro. E o Jânio usou isso... não ele, mas mandou usar, e distribuíram panfletos dizendo... Uma vez eu fui à cidade de Tiradentes, na periferia de São Paulo, quase uma favela, e a mulher disse: “Você vai distribuir maconha no lanche das crianças? Na merenda das crianças?” Isso foi terrível...

CRISTOVAM: E isso no tempo que não tinha marqueteiro... se fosse agora era pior.

FHC: Isso foi mais danoso do que o negócio de não acreditar em Deus. Porque no dia seguinte do meu programa, ‘tava nas paredes: “anticristo”.

CRISTOVAM: Presidente, o seu avô entregou a carta que destituía D. Pedro II. A nossa geração tem razões para ter mais orgulho do que fizemos pelo Brasil do que a geração do seu avô?

FHC: Eu não saberia dizer, porque a geração do meu avô fez a libertação dos escravos e mudou a forma de Monarquia para República. Que foram fatos importantes. Talvez a libertação dos escravos tenha sido até mais importante que a República. Foi uma República feita por uma minoria. Mas enfim, o Império significava realmente a escravidão e o latifúndio. Então nesse sentido eles fizeram uma coisa importante. E a geração do meu avô também foi uma geração modernizadora, não só por causa das idéias positivistas e tal, como também porque depois eles continuaram lutando pela democracia: a revolução de 22, de 24, e eles ganharam em 30, não é? E a nossa, a minha e a sua, o que nos aconteceu? Nós fomos adultos pós-varguistas, não é isso? Getúlio já tinha... Os anos cinqüenta é que nos pegam com uma vida mais consciente das coisas, não é? O segundo Getúlio, Juscelino e tal. Bom, e já o Estado brasileiro organizado depois da revolução de 30, já as massas começando a se incorporar e fomos cortados por 64. Bom, o que nós fizemos como geração? Recuperamos a democracia e isso foi importante.

CRISTOVAM: Mas, a geração que fez a ditadura foi apenas um pouquinho antes da nossa, foi a nossa também... A nossa geração tanto deu o golpe como fez a democracia...

FHC: A minha geração fez o golpe também... Um pouquinho antes, não é? O pessoal mais velho, uns dez anos mais, cinco a dez anos

mais. Mas é verdade, alguns representaram tudo isso e estão aí...

CRISTOVAM: Representaram e estão aí...

FHC: Então foi o bem e foi o mal ao mesmo tempo, não é? Agora, é difícil saber porque eu acho que a mudança ocorrida do fim do século XIX para o século XX foi importante...

CRISTOVAM: Pois é... Ali a gente fez dois gestos fortes, de que seu avô participou: a Abolição e a República. Mas, se eles encontrassem a gente hoje, eles iriam dizer: "Vocês ainda não completaram o trabalho da gente". Dá pra dizer que o Brasil é um país republicano?

FHC: Não...

CRISTOVAM: Nos Estados Unidos o Presidente mora é na Casa Branca, não é o Palácio da Alvorada. No Senado a gente se cha-

FHC: Ninguém reage. As notícias da guerra preventiva é uma coisa louca. É o oposto de um mundo organizado civilizadamente. É a barbárie, é um mundo hobbesiano. Nem hobbesiano, porque lá no mundo hobbesiano é a luta de todos contra todos e aqui é de um contra todos. E os outros todos não têm força para enfrentar esse um.

ma de Excelência... a elite é uma minoria branca e distante do povo. Como se tivessem castas. A gente não completou a República ainda...

FHC: Nós não completamos a República em vários sentidos...Veja: mais de uma vez eu disse o seguinte: “O Joaquim Nabuco dizia que a nódoa do Brasil era a servidão”. A nossa é o analfabetismo, não é isso? Bom, nós não completamos, mas nós demos um passo grande...

CRISTOVAM: No mundo de hoje, se não terminar o segundo grau com qualidade, na verdade é uma forma de analfabetismo...

FHC: É... Essa coisa ainda estamos devendo. Não podemos dizer que estamos numa República propriamente democrática, não é? Acho que houve coisas importantes. Porque bem ou mal a eleição do Lula significou pela primeira vez não apenas pessoas só, mas representantes de traços novos. Eu venho de uma velha família. Meu bisavô foi governador de Goiás ou senador e tal. Mas eu não represento isso. Represento outra coisa. Que é a nova classe média ilustrada...

CRISTOVAM: E não só isso... Intelectualmente progressista...

FHC: Intelectualmente... e o Lula representa uma elipse do caos... Uma parte do que está acontecendo no Brasil, inclusive agora no governo Lula, já vinha acontecendo um pouco antes. Vários segmentos do meu governo eram compostos por universitários. O núcleo do governo atual é liderança sindical, não é isso? Do ponto de vista democrático isso é interessante.

Tanto a entrada dos universitários progressistas quanto dos líderes sindicais...

CRISTOVAM: Melhor é se estivessem juntos, não é?

FHC: Melhor ainda. Mas é interessante porque ainda que eles façam erros de tipos variados, uns e outros, é um aprendizado de novas camadas no exercício do poder. Você sabe que o líder sindical é mais imediatista, não é? Ele é o homem da negociação do dia-a-dia.

CRISTOVAM: Do curto prazo.

FHC: E o sindicalismo tem um pouco de corrupção sempre. Sempre não, mas tem freqüentemente pequena corrupção, não é? Agora, quando você vê historicamente, essa pequena corrupção não tem tanta importância quanto o fato de você ter a ascensão de uma categoria. Nesse sentido, eu acho que avançou a democracia brasileira. No que diz respeito ao seu comando, mas não no que diz respeito... Avançou também, mas não tanto no que diz respeito às massas. A capacidade que as massas têm de atuar.

CRISTOVAM: Agora, esses universitários e esses sindicalistas... Será que a gente está criando uma nova classe?

FHC: Do meu governo pro governo do Lula, no que diz respeito a que as maiorias estejam mais presentes no processo de decisão, não houve. Eu até diria que no meu governo houve mais. Porque houve uma incorporação da sociedade civil em muita coisa que era nova. Não tinha direitos humanos, meio-ambiente, questão

das mulheres, questão dos negros, começou ali naquele momento. Mesmo o Movimento dos Sem-Terra, a presença deles foi muito forte no meu governo. E eu tive de levá-los em consideração, quisesse ou não. E negocieei e não sei o que e tal. Agora, parece que parou tudo isso. Parece que houve mais uma delegação, do que uma representação. Então isso preocupa.

CRISTOVAM: Em novembro de 98 eu acompanhei o Lula para visitá-lo. E quando o senhor próprio abriu a porta do apartamento residencial no Alvorada, o senhor disse: “Lula, venha conhecer a casa onde você um dia vai morar”. Ele tinha acabado de perder a terceira eleição. A minha pergunta é: isso foi um ato de generosidade, como ir buscar a gente hoje na estação de trem, ou foi uma previsão?

FHC: Eu não creio que tenha sido uma previsão porque eu não tinha condições para prever naquele momento, mas eu sempre achei uma possibilidade.

CRISTOVAM: Mesmo ali... Depois da terceira derrota? Todo mundo achava que Lula tinha acabado.

FHC: Não sei... Porque eu acho o seguinte: uma liderança política forte não morre. Fica assim às vezes um pouco obscurecida, então se representa alguma coisa, não morre. O Lula representa alguma coisa. Talvez ele naquele momento estivesse desiludido. Mais de uma vez ele esteve desiludido com a possibilidade de ele ser candidato. Na segunda derrota também, na primeira também. E eu entendo até isso... Mas, eu não posso dizer que eu

tenha previsto isso não. Uma possibilidade, sim. E também um gesto de simpatia. Eu queria muito conversar com o Lula.

CRISTOVAM: Pois é... Qual é o seu interesse, aí? O senhor passou os quatro anos do primeiro mandato querendo conversar... Eu me lembro que eu participei, tentei ajudar...

FHC: É... Tentando, tentando... e sempre uma coisa negativa, negativa, negativa... Qual era minha idéia? Minha idéia basicamente era democrática. Eu disse ao Lula naquele dia: “Nós temos uma relação de amizade há tantos anos... não tem cabimento que o chefe do governo não possa falar com o chefe da oposição”. É que o Lula nunca foi chefe da oposição. Uma coisa curiosa: ele nunca foi o chefe da oposição a mim. Ele nunca fez oposição. O PT fazia...

CRISTOVAM: É verdade...

FHC: ...mas o Lula, não. Ele nunca foi chefe da oposição. Enfim, mas qual era a minha idéia? É o que eu disse. Era uma época muito difícil para o Brasil. Eu disse lá, não sei se você se lembra: “Algum dia nós podemos ter de estar juntos”. Eu pensava numa crise. Nós estávamos num momento muito difícil ali. E eu disse ao Lula aquele dia: “Eu não quero nada de você. Eu quero só conversar. Eu não estou esperando que você vá me apoiar no Congresso porque ainda que você queira, seu partido não vai. Essa conversa nossa não é por razões instrumentais, é por razões cada vez mais importantes. É pra você ter realmente essa noção de que num país você não pode alienar uma força”. Eu acho estranho que no Brasil não haja isso. Em certas cir-

cunstâncias, os chefes das facções não conversam. O Sarney tem uma expressão que eu até coloquei no meu livro de memórias. Ele diz assim “No Congresso, num momento difícil, sempre o sacro colégio se reúne”. Quem é o sacro colégio? São os homens dos vários partidos que têm sentido institucional. Então na crise... Por exemplo, na crise do Collor eu conversei com o Sarney muitas vezes. Em vários momentos de crise... Não só com ele. Você tem... Não são muitos... Sete, oito, nove pessoas... Que de alguma maneira encaminham a solução. Bom, eu acho que como eu tenho uma preocupação institucional forte, eu sou uma pessoa institucional, eu não sou personalista. Eu acho que é preciso deixar sempre a possibilidade de algumas pessoas que têm essa noção conversarem. Pensando na Nação, não é pensando no partido. Pensando no país. Então o meu objetivo era esse. Era dizer: “Eu tenho que ter uma condição de nós conversarmos”. Porque é muito estranho que nós, mesmo hoje, é muito estranho que o Lula conversou comigo quando foi eleito, no dia da posse, que a gente foi embora... Ele me levou até o elevador e foi bonita aquela posse...

CRISTOVAM: Foi muito bonita...

FHC: Por que eu quis que fosse ali fora? Eu quis porque achei que era simbólico tirar a faixa de mim e colocar no Lula diante de todo o povo. Nunca foi feito isso. E o Lula disse que faria o que eu quisesse. E eu disse: “Vamos fazer assim”. Na hora de ir embora, o Lula, veio como é do ritual, e levou a mim e a Ruth até o elevador. É assim que se faz. Ele até fez um outro

gesto, me apresentou um por um dos ministros, o que não se fazia antes. E eu apresentei os meus a ele. Ficou bonito. E aí ele grudou o rosto em mim, chorando. E me disse: “Você deixa aqui um amigo”. Aquilo ele falou com sinceridade, não é?

CRISTOVAM: Sem dúvida...

FHC: Ele falou com sinceridade. Pois bem, depois disso...

CRISTOVAM: Aquela aproximação que o senhor queria, no início do seu governo, não era uma tentativa de aliança entre o PT e o PSDB?

FHC: Eu até pensei nisso. Eu pensei que podia haver uma convergência mais adiante...

CRISTOVAM: Eu também pensei nisso...

FHC: Porque veja, depois daquele dia que o Lula se despediu de mim, ele foi à Europa e eu estava em Paris... Terminou a posse, eu peguei a Ruth e pegamos um avião... fomos para Paris sozinhos, sem guarda-costas, sem assessor, sem ninguém. Chegou lá em Paris, entrei num carro e fui para um hotel que tem por lá... Cheguei lá, cercado de polícia francesa, apitando. Chegando lá, eu chamei o chefe da polícia francesa e falei: “Eu sei que vocês estão cumprindo o seu dever, mas eu não quero que vocês estejam perto de mim. Se eu venho para uma cidadezinha dessas e fico cercado por vocês, todo mundo vai saber... se não, ninguém sabe quem eu sou”. E eles fizeram assim. Eu só vi polícia de novo no dia em que eu fui falar com o Chirac, aí eles fizeram barulho de novo. Fora disso,

não. E tivemos uma vida normal. Andei de metrô. Porque você tem que cortar. Você tem que sair do formalismo presidencial para ser cidadão. Também aqui eu gosto de andar de metrô. Para o meu trabalho, eu vou de metrô. E aqui vocês vêem como é que eu vivo. É diferente de andar em Genebra, que as pessoas me reconhecem na rua, bom, em Washington também, em Paris...

CRISTOVAM: Mas aí o Lula foi pra Europa...

FHC: Ele chegou na Europa e telefonou lá para onde eu estava. Ele tinha voltado de Davos. Ele estava na embaixada... ele e o Palocci... E o Lula me disse “Você acha que vai ter guerra no Iraque?” E eu disse: “Eu acho, eu acho que vai ter”. “Ah, mas não foi o que me disse o Schröder” [Gerhard Schröder, Chanceler (Primeiro-Ministro) da República Federal da Alemanha] “Bom, pode ser que o Schröder tenha outras informações”. Ele tinha falado com ele lá em Davos. E ele falou: “Por que é que você acha que vai ter guerra?”. E eu disse: “Olha Lula, é o seguinte: eles já mobilizaram muita gente. Tem 250 mil americanos lá. Vai ter eleição este ano. Como é que eles voltam com esse pessoal? E depois toda a visão americana é guerreira nessa coisa. Eles vão pra guerra”. Aí o Lula disse uma coisa interessante: “Ah, quer dizer que foi como naquela greve lá que nós não conseguimos segurar”. Eu digo: é isso. E os americanos não vão sair. Depois, no mês de fevereiro ou março eu vim aos EUA, e aí na casa da gente, já no governo Bush, o assessor de segurança me procurou num jantar que eu estava na casa de um assessor do

Clinton que também estava junto. Ele me disse que eles queriam que eu tivesse uma conversa com o Chávez. Queriam saber se o Chávez [Hugo Chávez, Presidente da República Bolivariana da Venezuela] tinha relações de amizade comigo. Eu disse: “Eu não sou mais Presidente. Não vou fazer nada sem falar com o Lula”. E telefonei para o Lula. Conteí a ele isso e conteí a visão deles no Conselho de Segurança, também. E disse: “A situação aqui é a seguinte: eles vão para a guerra. Eles estão fazendo uma pressão imensa. Eu acho que o Brasil deve tomar a posição que sempre tomou: contra a guerra. Mas eles vão pra guerra e pediram que eu falasse com o Chávez”. E Lula: “Ah, você tem que falar com o Chávez”. Ele não agüenta o Chávez. Então eu conversei isso pelo telefone. O Lula não me encorajou a falar com o Chávez, eu não falei. Eu pensei: “Não sou mais Presidente, não vou me meter nessa confusão, deixa que o Lula tira essa castanha do fogo”. Depois eu falei com o Lula na Bolívia. Tivemos uma longa conversa só nos dois, boa, sobre uma porção de coisas. Depois, nunca mais.

CRISTOVAM: Ele não o tem procurado?

FHC: Não, nem pra tomar um café. Ah, eu estive com ele lá em Brasília. Ele fez um discurso pra mim, em janeiro desse ano, foi muito bonito. Mas o Lula não tem... é um erro... o clima que ele tem que criar em política, isso eu aprendi com o Ulisses, você não deixa o adversário longe (Risos).

CRISTOVAM: Você é adversário dele?

FHC: Eleitoralmente, sim. Tem que estar perto. Tem que saber o que o outro pensa.

CRISTOVAM: *Naquele encontro que a gente saiu às 2 da manhã, ele disse: "O Fernando Henrique só quis falar. Ele não nos ouviu". Só que eu estou me lembrando agora, o que ele falou foi a idéia de não ir ao FMI...*

FHC: Era 'não' a tudo... e ele estava com a impressão de que havia uma crise... eu devia ter dito isso a ele: "Tá bom, eu e o Cristovam fomos socialistas, você não". Naquele tempo, depois da crise vinha a redenção. Agora não, vem só a crise. A própria plataforma do PT, agora nessa última eleição, era uma plataforma negativa. Não ao FMI, não a isso, não àquilo. Qual será a plataforma da próxima candidatura? Difícil saber... Isso é um problema. Porque ele tem uma batata quente na mão. O que ele vai dizer...? Vai ter que inventar uma história. Vamos ver o que o PT terá feito mesmo nesses dois anos. Porque aí você pode comparar com o que nós fizemos. Não é uma coisa tão fácil, ele vai ter que se candidatar sobre o positivo e não sobre o negativo.

CRISTOVAM: *De certa maneira vai depender também de quem será o candidato do PSDB. Agora, uma coisa que começa a me preocupar é que estamos num período de euforia, a chamada esquerda. E a gente pensa que a disputa vai ser PSDB versus PT.*

Pode não ser... pode sair alguém aí pelo lado conservador com uma proposta mais...

FHC: Ou um populista...

CRISTOVAM: *Ou um populista, claro. O Garotinho pode terminar sendo...*

FHC: No primeiro semestre desse ano [2004], o governo 'tava ruim pro PT. Sobre tudo aquele negócio do Waldomiro, de CPI, não sei o quê. E eu disse: "Olha aqui, nós não devemos nos contentar, com isso não. Porque no momento em que você tiver um descrédito do PT, quem ganha não é o PSDB. Quem ganha é o populismo. O risco é de uma coisa assim meio de direita". Mesmo que ele não seja de direita no sentido clássico, clientelista, de atraso. Ganha o atraso, não ganha o progresso. E isso continua...

CRISTOVAM: *Continua... a gente 'tá achando que não, porque em São Paulo venceu o PSDB. No Rio Grande do Sul, foi o PPS. Não teve disputa com a direita nas cidades grandes... Porque eu, por exemplo, não tenho o César Maia como um homem de direita... o César Maia é um homem que tem um passado... Então não houve disputa. É como se a direita tivesse sumido. Mas ela volta facilmente.*

FHC: Eu acho que, dependendo das circunstâncias, ela volta. Porque eleição é muito complicado você prever com essa antecipação que nós estamos. E tomara que seja possível ter uma outra desculpa para dizer que o PT e o PSDB é bom pro Brasil. ■